

## Resenha bibliográfica 2

### Appropriate or underdeveloped technology?

Emmanuel, Arghiri. *Appropriate or underdeveloped technology?* (Seguido por uma discussão com Celso Furtado e Hartmut Elsenhans.) Chichester, John Wiley and Sons, 1982. 186 p. \*

ROY GILBERT \*\*

A tecnologia apropriada aos países subdesenvolvidos seria uma tecnologia subdesenvolvida, que congelaria e perpetuaria a condição de subdesenvolvimento.

Uma cultura nacional autêntica (no contexto da escolha de tecnologia) é nada mais que um alibi para o atraso, servindo àqueles interesses que dele se aproveitam. Autenticidade cultural representa também o lado turístico do subdesenvolvimento. A humanidade não é nem um jardim zoológico, nem um museu do exótico antropológico.

Se o capitalismo é um inferno, há um inferno ainda mais terrível, o do capitalismo subdesenvolvido.

Constatações como estas marcam o estilo polêmico desta importante obra, cujo efeito inevitável será provocar o leitor no sentido de reexaminar a fundo algumas noções tidas como consensuais nos debates sobre desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a mais recente obra do autor de *Unequal exchange* [London, Monthly Review Press, 1972 (tradução do original francês: *L'échange inégal*,

\* Tradução do original em francês: *Technologie appropriée ou technologie sous-développée?*, Paris, Maspéro, 1981.

\*\* Consultor internacional em Economia e Planejamento, tendo, no Brasil, trabalhado para a CEPAL, a OEA e o Banco Mundial.

Paris, Maspero, 1969) ] cumpre plenamente seu objetivo. O trabalho permite-nos descartar uma série de mitos sobre a "adequação" das denominadas "tecnologias apropriadas" e, ao mesmo tempo, apresenta-nos uma análise rigorosa da contribuição de novas tecnologias ao desenvolvimento e, em especial, uma apreciação do papel das empresas multinacionais na propagação das mesmas. Obviamente, o trabalho não poderia deixar de ser polêmico, pelo simples fato de tocar no próprio cerne da questão do desenvolvimento. As bases para a discussão são lançadas no primeiro e mais longo capítulo do livro, com a introdução de uma série de conceitos imprescindíveis para a compreensão dos capítulos subseqüentes. Embora esse procedimento seja metodologicamente correto, em alguns aspectos houve um certo rigor, em outros houve omissão. Assim, por exemplo, só no *final* do livro, ao responder à crítica de Celso Furtado, Emmanuel torna explícito seu conceito de desenvolvimento como sendo "desenvolvimento das forças produtivas". Apesar de ser evidente, desde o início da leitura do trabalho, que o autor enfatiza o crescimento econômico *vis-à-vis* a distribuição como fundamento do processo de desenvolvimento, fica claro que a maior parte da polêmica surgida a partir do livro é, em grande parte, produto do uso de noções divergentes quando se trata do conceito de desenvolvimento. Além disso, sua falta de preocupação com os mecanismos de distribuição dos frutos de tal crescimento torna seu argumento bastante incompleto para os leitores interessados em aproveitá-los na formulação de planos de desenvolvimento.

Outros conceitos analíticos subjacentes às idéias de Emmanuel sobre desenvolvimento (treinamento e financiamento, por exemplo) recebem tratamento mais exaustivo. Assim, tecnologia distingue-se de ciência, por um lado, e de técnica, por outro. Por tecnologia se entende a capacidade de criar (ou escolher) técnicas diferentes e de instalar, usar e aperfeiçoar tais técnicas. Técnicas são, essencialmente, processos, enquanto tecnologia refere-se, de forma mais ampla, ao próprio conhecimento. Emmanuel adota uma visão convencional da diferença entre o conhecimento científico puro e a tecnologia, sendo aquele definido como o que não está aplicado na prática. Embora as definições do autor não sejam suficientes para resolver a falta de precisão que geralmente acompanha o uso do termo tecnologia na literatura, o livro pelo menos esclarece que

tecnologia e técnica são conceitos distintos e não sinônimos, como tão freqüentemente encontramos nas obras sobre esta matéria.

Ao desenvolver seu modelo analítico, o autor chama atenção para a hipótese de que o desenvolvimento (isto é, das forças produtivas) está condicionado pelo progresso tecnológico, que por sua vez encontra-se limitado pelo financiamento disponível. É neste ponto que a discussão toca pela primeira vez no papel das empresas multinacionais no processo de desenvolvimento e, sobretudo, na escolha e transferência de tecnologias. Argumenta-se que tais empresas, tradicionalmente alvo de duras críticas, poderiam contribuir para o desenvolvimento dos países pobres através do financiamento de tecnologias modernas que de outra forma não seriam disponíveis. Emmanuel enfrenta de peito aberto os críticos das empresas multinacionais e, sem dúvida, consegue elevar o nível científico do debate, apresentando uma análise rigorosa das relações dessas empresas com o processo de crescimento econômico nos países em desenvolvimento. O entusiasmo do autor para a polêmica, contudo, impede que ele veja qualquer aspecto negativo na atuação das empresas multinacionais em países em desenvolvimento. Caberia perguntar: será que tal participação estaria livre de problemas como, por exemplo, aqueles decorrentes da dependência em relação a decisões da matriz, restrições às exportações, etc., como o silêncio de Emmanuel parece indicar? A questão de dependência é, contudo, enfrentada de uma forma ampla e claramente crítica. Assim, são totalmente descartadas idéias como as de "autonomia tecnológica" ou "tecnologia nacional" em se tratando dos países em desenvolvimento. Segundo Emmanuel, a empresa multinacional desempenha a função de transferir tecnologias de ponta para os países da periferia e, portanto, abre-lhes uma oportunidade de "encurtar o caminho do desenvolvimento". Ao contrário dos que vêem o processo de industrialização da Europa no século passado como o "verdadeiro" caminho do desenvolvimento (em contraste com a industrialização "subdesenvolvida" contemporânea), Emmanuel chama atenção para a evidência de que, em plena revolução industrial, a Inglaterra mal conseguiu manter uma taxa anual de crescimento de 1%, em grande parte porque sua tecnologia teve de ser desenvolvida autonomamente, com um ritmo lento, enquanto se acumulava capital. Como

exemplo de um país que se mostrou capaz de assimilar rapidamente tecnologias importadas e, dessa forma, romper a barreira do subdesenvolvimento, Emmanuel cita o caso do Japão. Sua argumentação é, contudo, puramente teórica, não levando em conta as condições históricas em que se deu a industrialização japonesa, especialmente no que diz respeito à consolidação de suas indústrias básicas pelo setor público, antes mesmo do advento e da exitosa adaptação das tecnologias ocidentais. A falta de tratamento histórico de casos como esse, corretamente criticada por Furtado na sua contribuição ao livro, revela-se também no tratamento da experiência brasileira: segundo o livro, a possibilidade de que o País torne-se ou não uma economia desenvolvida resumir-se-ia, em última análise, a uma mera questão de sorte.

Contrariando noções amplamente sustentadas, o autor enfatiza que as empresas multinacionais, longe de pretenderem a dominação e o controle dos mercados nos países em desenvolvimento, prefeririam deles se afastar. Nesse sentido, procurariam antes vender as patentes das suas tecnologias às empresas locais do que fazer, elas mesmas, o investimento direto nesses países. Em todo caso, a primeira opção seria sempre exportar diretamente do país sede.

Para tentar demonstrar que, *a priori*, não há um conflito de interesses entre tais empresas e os países em desenvolvimento, o autor cita a “deslealdade” de empresas automobilísticas multinacionais americanas, que romperam o boicote comercial decretado por seu governo contra Cuba e China, através de suprimentos àqueles países por suas sucursais na Europa. Mesmo se houver pontos de vista diferentes entre as empresas e os governos anfitriões nos países sedes, isto evidentemente não justifica a conclusão de que automaticamente haveria uma coincidência de interesses entre as empresas multinacionais e os países em desenvolvimento. Além disso, pelo fato de sua análise ser agregada demais, o livro apresenta, na opinião deste leitor, uma visão pouco realista, em que os países em desenvolvimento aparecem como se fossem um bloco monolítico sem conflitos internos. Para enriquecer a análise, seria importante discutir quais são os interesses *dentro* dos países em desenvolvimento que poderiam ou não ser coincidentes com os das multinacionais, e que consequências isso traz para o desenvolvimento desse país.

A apreciação das vantagens da transferência de tecnologias modernas para os países em desenvolvimento apresenta também uma contribuição bastante original para as questões financeiras da atualidade. Assim, no que diz respeito à questão do momento no Brasil, ou seja, a dívida externa, afirma que quando essa passa de uma importância crítica — e se supõe que este seja o caso brasileiro — ela não representa mais um problema para o país devedor, por passar a ser, por sua própria natureza e condição estrutural, uma dívida não-reembolsável. Não só o não-pagamento poderia conduzir a uma quebra do sistema financeiro internacional, mas também — e esta é a parte mais original do argumento — o seu reembolso implicaria uma recessão inaceitável para os países credores industrializados. Assim, por exemplo, para efetuar o reembolso ao longo de 10 anos os países credores teriam que suspender todo crédito novo, e os devedores teriam que desembolsar, via geração de *superavit* comercial com os países credores, o valor de US\$ 100 bilhões anualmente (o necessário para amortizar uma dívida total de US\$ 500 bilhões com depreciação e juros). Para conseguir um *superavit* comercial desta magnitude, seria necessária uma inversão completa das relações comerciais entre os países devedores e os credores, já que são precisamente estes últimos que atualmente apresentam *superavit*. Para que os países devedores possam realizar o mencionado *superavit* comercial de US\$ 100 bilhões anuais, os países credores industrializados teriam que dobrar as suas importações dos países devedores, ou então parar totalmente de exportar para aqueles países. Emmanuel calcula que um dos efeitos imediatos de tal inversão seria o de criar mais cinco milhões de desempregados nos países industrializados, isso sem se ter em conta os efeitos multiplicadores da conseqüente recessão. (Estes efeitos poderiam ser mitigados evidentemente por maiores investimentos internos dentro dos países credores industrializados, já que teria parado, em grande parte, a exportação de capital, aspecto que não foi tocado pela análise.) Esta análise leva o autor à conclusão paradoxal de que as economias industrializadas não poderiam suportar o reembolso da dívida, fortalecendo, assim, a posição dos países devedores nas negociações financeiras para poder eventualmente obter mais financiamento e, dessa forma, maior transferência de tecnologia.

O tratamento dado às questões relacionadas com a transferência de tecnologia representa, a meu ver, a parte mais interessante e original do livro. Não seria evidentemente justo, porém, que se esperasse encontrar nele receitas fáceis ou fórmulas simples para combater o subdesenvolvimento, mas, mesmo assim, uma reflexão sobre estas questões, a partir de uma leitura do livro, poderia levar ao enriquecimento do debate sobre o assunto.

No que diz respeito à criação de tecnologia, tema do terceiro capítulo, o autor procura desmistificar algumas noções sobre tecnologias denominadas “nacionais” e “apropriadas”. Como exemplo cita a experiência de um programa de cooperação técnica sueca na África, muito criticado pelo projeto de uma casa cujo teto teve especificações técnicas (e conseqüentemente materiais) capazes de resistir ao peso da neve em plena África equatorial. Atrás da insensatez aparente do caso, Emmanuel chama a atenção para a possibilidade de que um novo projeto para a casa, a alteração da linha de produção dos pré-fabricados, etc., poderiam resultar numa elevação de custo muito maior que aquela decorrente do “desperdício” de materiais “excessivos” que fariam o teto resistente à neve. E conclui com uma citação de S. B. Linder (*An essay on trade and transformation*, Stockholm, 1961, p. 75): “É racional ser irracional quando o custo de descobrir o que é racional é mais alto do que o custo de ser irracional”.

Na discussão sobre o problema da proporção de fatores (Capítulo 4), encontram-se algumas das posições mais polêmicas do livro, demonstrando o autor um total descaso pelo problema do emprego nos países em desenvolvimento. Segundo Emmanuel, decisões sobre mudanças de técnicas de produção deveriam basear-se principalmente na avaliação do seu impacto sobre as relações produto/mão-de-obra e produto/capital. Técnicas que levem a aumentos dessas relações seriam consideradas apropriadas, não importando as implicações que tenham sobre o nível de emprego. Este problema está colocado pelo autor no plano da luta de classe, algo que aparentemente não interessa ao argumento principal que se refere ao *total* da produção independentemente dos meios de distribuição dos frutos da mesma. Cabe notar que o autor não considera as limitações impostas pelo tamanho do mercado nos países em desenvolvimento.

Além disso, não deveria escapar à atenção do leitor que o conceito de desenvolvimento do autor — em relevar o problema desemprego/subemprego por estar calcado na hipótese de um sistema de seguro-desemprego ao estilo europeu (uma premissa que consta dos seus modelos analíticos para explicar a subsistência e reprodução das classes de desempregados e subempregados) — revela, portanto, um desconhecimento total da situação real dos países em desenvolvimento.

Seu descaso para com o problema de emprego aparece no exemplo teórico que constrói para o caso da Índia. Aí se postula que seria possível produzir mais riqueza empregando apenas 10% da população em idade ativa da Índia a níveis de produtividade da Suécia do que tratar de empregar todos. Mesmo porque neste último caso o nível salarial mal chegaria ao necessário para a subsistência. O enfoque adotado resume-se na frase: “A meta não é a de empregar gente, seja qual for o seu custo, mas sim a de dar-lhes algo para comer (p. 83). Todo estudioso do desenvolvimento deveria estar de acordo com a idéia de que alimentar a sua população deve ser um dos objetivos básicos do desenvolvimento de qualquer país, mas isto jamais se conseguiria simplesmente através da produção de um excedente, pois certamente ele não chegaria às mãos dos famintos potenciais. Numa economia capitalista de salários, o emprego representa, para muitos, a única forma de conseguir meios para cobrir as necessidades básicas das suas famílias, fato totalmente ignorado no livro. Implicitamente, porém, a importância da questão emprego é reconhecida na sua menção ao fato de que, ao contrário do que se supõe na literatura, produtos “de luxo” introduzidos por empresas multinacionais (como, por exemplo, eletrodomésticos) geram mais empregos que os chamados produtos “populares” (como, por exemplo, cigarros e bebidas). Apesar dessas referências casuais, permanece uma grave omissão: a falta de tratamento explícito dos mecanismos de repartição da riqueza produzida num país em desenvolvimento. Essa ausência deixa incompleto o modelo de desenvolvimento de Emmanuel para fins de planejamento.

Talvez o mais interessante neste livro seja que mais de um terço do seu texto é dedicado a discussões com comentaristas. Seu conteúdo enriquece-se, primeiro, com a colocação de pontos de vista

diferentes e, segundo, com os maiores esclarecimentos fornecidos pelo autor. Interessará especialmente ao leitor brasileiro os comentários críticos de Celso Furtado.

Como já mencionamos, Furtado critica o trabalho por ser pouco histórico e demasiado teórico no seu enfoque do caso brasileiro, especialmente na comparação deste com a situação da Inglaterra de 1840. Enquanto Furtado argumenta que, apesar de ter mantido altas taxas de crescimento, o Brasil não conseguiu desenvolver-se plenamente devido à sua condição específica de dependência (distinta da condição autônoma da economia da Inglaterra no século passado), Emmanuel atribui a falta de desenvolvimento ao fato de que o Brasil realmente cresceu com taxas altas apenas durante um curto período de tempo (pouco mais de 10 anos). Neste sentido, o Brasil ainda não teve tempo suficiente para romper a barreira de subdesenvolvimento. Ao defender a sua comparação entre o Brasil de hoje e a Inglaterra de 1840, o autor cita o nível de renda *per capita*, que é similar nos dois casos (talvez com ênfase excessiva neste indicador, que, sendo uma média aritmética, não permite retratar a diversidade interna em cada caso).

Elaborando sua teoria em resposta às críticas de Furtado, o autor explica que, para um país desenvolver-se dentro do sistema capitalista, é necessária a existência de uma periferia passível de exploração. Se a economia brasileira dispusesse dessa periferia, ela teria condições para fazer o salto ao desenvolvimento. Se, na realidade, ela pode ou não, não há indicações no livro. Este é mais um caso onde a análise de Emmanuel poderia ter sido enriquecida por um maior conhecimento da estrutura real do seu exemplo, neste caso a economia brasileira, com sua condição de criar uma "periferia interna", por exemplo.

O outro comentarista, professor Hartmut Elsenhans, faz observações específicas sobre o trabalho. Mais especificamente, enfatiza as distorções no mercado de fatores dos países em desenvolvimento, negadas por Emmanuel. Para o comentarista, estas distorções poderiam levar o mercado a dar falsos sinais, levando a uma avaliação incorreta da rentabilidade de um projeto. Menciona, por exemplo, distorções criadas por políticas cambiais que visam baratear o capital e políticas que aumentam o preço da mão-de-obra.



A resposta de Emmanuel é simplesmente uma expressão de surpresa: com níveis de salários reais tão baixos (em comparação com os da Europa), como se pode considerá-los altos! Mais uma vez um melhor conhecimento das condições reais, neste caso as de subsistência mínima nos países em desenvolvimento (que são notavelmente inferiores aos níveis oficiais de salários, não obstante o seu baixo padrão em termos de modelos internacionais), enquadraria melhor o trabalho dentro da realidade dura de subdesenvolvimento.

Independentemente das limitações e crítica, a qualidade do livro como um todo recomenda a sua leitura. O trabalho está repleto de idéias ao mesmo tempo originais e polêmicas, estimulando o leitor a repensar muitas noções previamente tidas como fatos consumados. Seu conteúdo toca nas grandes questões do momento, como emprego e dívida externa, e nesse sentido o livro é muito oportuno para o caso brasileiro, sem deixar, contudo, de ter um valor mais universal, cujas conseqüências transcendem o atual momento de crise. As críticas dos comentaristas não só enriquecem o conteúdo do livro, mas também o livram de qualquer caráter doutrinário. Na atual crise econômica mundial, pode-se entender a tentação em todos os países para buscar soluções que impliquem virar as costas para a economia mundial. Provavelmente mais que nada, o livro de Emmanuel mostra como, sendo hoje inviável o fechamento das fronteiras econômicas, é imprescindível o correto entendimento dos mecanismos das relações econômicas internacionais. A objetividade de sua análise poderia servir como exemplo e estimular respostas novas e concretas para atender o desafio do desenvolvimento.



# PESQUISA E PLANEJAMENTO ECONÔMICO

## Índice do volume 13, 1983

### ARTIGOS E RESENHAS (por ordem de paginação)

Confissões de um dissidente: a estratégia do desenvolvimento reconsiderada .....	<i>Albert Hirschman</i>	1
A dinâmica de salários e preços na economia brasileira: 1966/81 .....	<i>Eduardo M. Modiano</i>	39
Indexação, choque externo e nível de atividade: notas sobre o caso brasileiro .....	<i>Francisco L. Lopes e Eduardo M. Modiano</i>	69
Distribuição de renda e padrões de crescimento: um modelo dinâmico da economia brasileira .....	<i>Regis Bonelli e Paulo Vieira da Cunha</i>	91
Comportamento oligopolista e controle de preços industriais: o caso do gênero material de transporte — 1969/82 ....	<i>Claudio Monteiro Considera</i>	155
O crescimento de empresas multinacionais e nacionais privadas na indústria de transformação: 1968/80 .....	<i>Reinaldo Gonçalves</i>	181
Uma análise de processo decisório no Setor Público: o caso do Conselho de Desenvolvimento Econômico — 1974/81 .....	<i>Jorge Vianna Monteiro</i>	207
Emprego e relações de trabalho na agricultura brasileira: uma análise dos dados censitários de 1960, 1970 e 1975 ....	<i>José Graziano da Silva e Angela A. Kageyama</i>	235
Elasticidades de Engel para dispêndios familiares na cidade do Rio de Janeiro: outro método de estimação .....	<i>Rodolfo Hoffmann</i>	267

Elasticidades de Engel para dispêndios familiares na cidade do Rio de Janeiro: outro método de estimação – comentários .....	<i>José W. Rossi</i>	275
Disponibilidade de alimentos e efeitos distributivos: Brasil, 1967/79 – correção de dados .....	<i>Fernando B. Homem de Melo</i>	285
A crise do “bom patrão”, de Paulo Rabello de Castro, ed. (Resenha) .....	<i>Jorge Vianna Monteiro</i>	291
The political economy of international finance, de Eugène L. Versluysen (Resenha) .....	<i>Jeff Frieden</i>	301
Energia e economia: um modelo integrado para o Brasil .....	<i>Eduardo M. Modiano</i>	307
Crescimento econômico e mudança ocupacional: uma crítica à hipótese dualista .....	<i>Paulo Vieira da Cunha</i>	365
Salário mínimo e distribuição de renda no Brasil: uma análise do setor de construção civil .....	<i>Andrés Drobny e John Wells</i>	415
Políticas de estabilização na América Latina: modelos de uso corrente e suas experiências fracassadas .....	<i>Eliana A. Cardoso</i>	465
Elementos para uma avaliação do monetarismo no Cone Sul .....	<i>Edmar L. Bacha</i>	489
Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 70 .....	<i>Maria Helena T. T. Horta</i>	507
Incentivos às exportações e às vendas no mercado interno: análise da política comercial e da discriminação contra as exportações – 1980/81 .....	<i>William G. Tyler</i>	543
Preços e distribuição em Sraffa: uma reconsideração .....	<i>Mario Luiz Possas</i>	575
Fronteira, frentes e a evolução recente da ocupação da força de trabalho rural no Centro-Oeste .....	<i>Charles C. Mueller</i>	619

An evolutionary theory of economic change, de Richard R. Nelson e Sidney G. Winter (Resenha) .....	661
..... José Tavares de Araujo Jr.	
Proálcool, energia e transportes, de F. Homem de Melo e Eduardo G. da Fonseca (Resenha) .....	667
..... Léo da Rocha Ferreira	
Inovação tecnológica e ciclos de Kondratiev .....	675
..... Nathan Rosenberg e Claudio R. Frischtak	
Funções de oferta e de demanda das exportações de manufaturados no Brasil: estimação de um modelo simultâneo .....	707
..... Helson C. Braga e Ricardo A. Markwald	
O regime de <i>drawback</i> nas exportações de manufaturados e a balança comercial do Brasil ....	745
..... Alberto Roque Musalem	
Os salários na indústria brasileira: um estudo sobre diferenciação .....	763
..... José Cláudio Ferreira da Silva	
Variações de demanda, estrutura de custos e margem bruta de lucros no Brasil: 1974/81 .....	805
..... Elena Landau	
Instabilidade da renda e estabilização de preços agrícolas ....	829
..... Fernando Homem de Melo	
Perspectivas sobre pobreza e desigualdade de renda no Brasil .....	863
..... David Denslow, Jr. e William G. Tyler	
A progressividade do IRPF e o seu efeito redistributivo ....	905
..... José W. Rossi	
O problema da agregação de capital: uma crítica ao modelo de inovações induzidas de Hayami e Ruttan .....	921
..... Fernando Maida Dall'Acqua	
Emprego e relações de trabalho na agricultura brasileira: uma análise dos dados censitários de 1960, 1970 e 1975 — notas adicionais .....	945
..... José Graziano da Silva e Angela A. Kageyama	

Labor markets and inequitable growth: the case of authoritarian capitalism in Brazil, de Samuel A. Morley (Resenha) ..... ..... <i>Eliana A. Cardoso</i>	949
Appropriate or underdeveloped technology?, de Arghiri Emmanuel (Resenha) ..... ..... <i>Roy Gilbert</i>	955

**AUTORES (por ordem alfabética)**

<i>Araujo Jr., José Tavares de</i> .....	661
<i>Bacha, Edmar L.</i> Elementos para uma avaliação do monetarismo no Cone Sul .....	489
<i>Bonelli, Regis.</i> Distribuição de renda e padrões de crescimento: um modelo dinâmico da economia brasileira .....	91
<i>Braga, Helson C.</i> Funções de oferta e de demanda das exportações de manufaturados no Brasil: estimação de um modelo simultâneo .....	707
<i>Camargo, José Marcio.</i> Variações de demanda, estrutura de custos e margem bruta de lucros no Brasil: 1974/81 ....	805
<i>Cardoso, Eliana A.</i> Políticas de estabilização na América Latina: modelos de uso corrente e suas experiências fracassadas ..	465
<i>Cardoso, Eliana A.</i> .....	949
<i>Castro, Paulo Rabello de</i> , ed. A crise do "bom patrão" (Resenha) .....	291
<i>Considera, Claudio Monteiro.</i> Comportamento oligopolista e controle de preços industriais: o caso do gênero material de transporte — 1969/82 .....	155
<i>Dall'Acqua, Fernando Maida.</i> O problema da agregação de capital: uma crítica ao modelo de inovações induzidas de Hayami e Ruttan .....	921
<i>Denslow, Jr., David.</i> Perspectivas sobre pobreza e desigualdade de renda no Brasil .....	863

<i>Drobny, Andrés.</i> Salário mínimo e distribuição de renda no Brasil: uma análise do setor de construção civil .....	415
<i>Emmanuel, Arghiri.</i> Appropriate or underdeveloped technology? (Resenha) .....	955
<i>Ferreira da Silva, José Cláudio.</i> Os salários na indústria brasileira: um estudo sobre diferenciação .....	763
<i>Ferreira, Léo da Rocha</i> .....	667
<i>Fonseca, Eduardo G. da.</i> Proálcool, energia e transportes (Resenha) .....	667
<i>Frieden, Jeff</i> .....	301
<i>Frischtak, Claudio R.</i> Inovação tecnológica e ciclos de Kondratiev .....	675
<i>Gilbert, Roy</i> .....	955
<i>Gonçalves, Reinaldo.</i> O crescimento de empresas multinacionais e nacionais privadas na indústria de transformação: 1968/80 .....	181
<i>Graziano da Silva, José.</i> Emprego e relações de trabalho na agricultura brasileira: uma análise dos dados censitários de 1960, 1970 e 1975 .....	235
<i>Graziano da Silva, José.</i> Emprego e relações de trabalho na agricultura brasileira: uma análise dos dados censitários de 1960, 1970 e 1975 — notas adicionais .....	945
<i>Hirschman, Albert.</i> Confissões de um dissidente: a estratégia do desenvolvimento reconsiderada .....	1
<i>Hoffmann, Rodolfo.</i> Elasticidades de Engel para dispêndios familiares na cidade do Rio de Janeiro: outro método de estimação .....	267
<i>Homem de Melo, Fernando B.</i> Disponibilidade de alimentos e efeitos distributivos: Brasil, 1967/79 — correção de dados .....	285
<i>Homem de Melo, F.</i> Proálcool, energia e transportes (Resenha) .....	667

<i>Homem de Melo, Fernando.</i> Instabilidade da renda e estabilização de preços agrícolas .....	829
<i>Horta, Maria Helena T. T.</i> Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 70 .....	507
<i>Kageyama, Angela A.</i> Emprego e relações de trabalho na agricultura brasileira: uma análise dos dados censitários de 1960, 1970 e 1975 .....	235
<i>Kageyama, Angela A.</i> Emprego e relações de trabalho na agricultura brasileira: uma análise dos dados censitários de 1960, 1970 e 1975 – notas adicionais .....	945
<i>Landau, Elena.</i> Variações de demanda, estrutura de custos e margem bruta de lucros no Brasil: 1974/81 .....	805
<i>Lopes, Francisco L.</i> Indexação, choque externo e nível de atividade: notas sobre o caso brasileiro .....	69
<i>Markwald, Ricardo A.</i> Funções de oferta e de demanda das exportações de manufaturados no Brasil: estimação de um modelo simultâneo .....	707
<i>Modiano, Eduardo M.</i> A dinâmica de salários e preços na economia brasileira: 1966/81 .....	39
<i>Modiano, Eduardo M.</i> Indexação, choque externo e nível de atividade: notas sobre o caso brasileiro .....	69
<i>Modiano, Eduardo M.</i> Energia e economia: um modelo integrado para o Brasil .....	307
<i>Monteiro, Jorge Vianna.</i> Uma análise de processo decisório no Setor Público: o caso do Conselho de Desenvolvimento Econômico – 1974/81 .....	207
<i>Monteiro, Jorge Vianna</i> .....	291
<i>Morley, Samuel A.</i> Labor markets and inequitable growth: the case of authoritarian capitalism in Brazil (Resenha) ....	949
<i>Mueller, Charles C.</i> Fronteira, frentes e a evolução recente da ocupação da força de trabalho rural no Centro-Oeste ..	619



<i>Musalem, Alberto Roque.</i> O regime de <i>drawback</i> nas exportações de manufaturados e a balança comercial do Brasil ..	745
<i>Nelson, Richard R.</i> An evolutionary theory of economic change (Resenha) .....	661
<i>Possas, Mario Luiz.</i> Preços e distribuição em Sraffa: uma reconsideração .....	575
<i>Rosenberg, Nathan.</i> Inovação tecnológica e ciclos de Kondratiev	675
<i>Rossi, José W.</i> Elasticidades de Engel para dispêndios familiares na cidade do Rio de Janeiro: outro método de estimação — comentários .....	275
<i>Rossi, José W.</i> A progressividade do IRPF e o seu efeito redistributivo .....	905
<i>Tyler, William G.</i> Incentivos às exportações e às vendas no mercado interno: análise da política comercial e da discriminação contra as exportações — 1980/81 .....	543
<i>Tyler, William G.</i> Perspectivas sobre pobreza e desigualdade de renda no Brasil .....	863
<i>Versluysen, Eugène L.</i> The political economy of international finance (Resenha) .....	301
<i>Vieira da Cunha, Paulo.</i> Distribuição de renda e padrões de crescimento: um modelo dinâmico da economia brasileira	91
<i>Vieira da Cunha, Paulo.</i> Crescimento econômico e mudança ocupacional: uma crítica à hipótese dualista .....	365
<i>Wells, John.</i> Salário mínimo e distribuição de renda no Brasil: uma análise do setor de construção civil .....	415
<i>Winter, Sidney G.</i> An evolutionary theory of economic change (Resenha) .....	661



ISSN — 0 100-0551

Pesquisa e planejamento econômico. v. 1 —

n. 1 — jun. 1971 — Rio de Janeiro,  
Instituto de Planejamento Econômico e Social, 1971 —

v. — quadrimestral

Título anterior: Pesquisa e Planejamento v. 1, n. 1 e 2, 1971.  
Periodicidade anterior. Semestral de 1971-1975.

1. Economia — Pesquisa — Periódicos. 2. Planejamento  
Econômico — Brasil. I. Brasil. Instituto de Planejamento Eco-  
nômico e Social.



CDD 330.05

CDU 33(81) (05)

